

PANTERA NEGRA: um tecer e fiar de práticas para descolonização dos currículos

BLACK PANTHER: a weaving and spinning of practices for decolonisation of curricula

PANTERA NEGRA: tejer e hilar prácticas para la descolinzación del curriculum



Revista Espaço do Currículo

ISSN 1983-1579

Doi: 10.15687/rec.v15i1.62868

<http://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php>

Resumo: O trabalho propõe realizar uma reflexão sobre o projeto Pantera Negra: Representatividade Negra e Práticas Educativas, implementado nas escolas municipais pela prefeitura de Belo Horizonte no ano de 2018. O projeto tem como objetivo fomentar a inserção da Lei 10.639/2003 e o debate sobre a representatividade negra, sobremaneira a representatividade negra feminina. O filme Pantera Negra, de produção americana, lançado em 2018 no Brasil, tem como destaque integrar um elenco majoritariamente negro e ser ambientado em grande parte no continente africano, no país fictício de Wakanda. Em nossa análise, além de trazermos reflexões sobre o filme, discutimos as respostas de um questionário que usamos com as professoras da rede pública que participaram ativamente da ação. A partir de nossos resultados, concordamos que o projeto Pantera Negra é de grande envergadura para implementação da educação das relações étnico-raciais, mesmo diante de outros aspectos igualmente relevantes, uma vez que o filme apresenta cenas que ainda contribuem para um imaginário binário (oriental x ocidental), permitindo que outras indagações sejam tecidas e fiadas na busca da emancipação da população negra e da descolonização dos currículos.

Palavras-chave: Currículo. Lei 10.639. Pantera Negra.

Recebido em: 20/04/2022

Aceito em: 29/04/2022

Publicação em: 30/04/2022

Flávia Paola Félix Meira

Mestre em Educação

Doutorando em Educação pela
Universidade Federal de Juiz de Fora,
Brasil.

E-mail: criolaflavinha@gmail.com

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-5851-3090>

Julvan Moreira de Oliveira

Doutor em Educação

Professor da Universidade Federal de Juiz
de Fora, Brasil.

E-mail: julvan.moreira@ufjf.edu.br

Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-1815-6268>

Como citar este artigo:

MEIRA, F. P. F.; OLIVEIRA, J. M. PANTERA NEGRA: um tecer e fiar de práticas para descolonização dos currículos. **Revista Espaço do Currículo**, v. 15, n. 1, p. 1-11, 2022. ISSN 1983-1579. DOI: <https://doi.org/10.15687/rec.v15i1.62868>.

Abstract: This study aims at reflecting on the *Projeto Pantera Negra: Representatividade Negra e Práticas Educacionais*, implemented in public schools by the Belo Horizonte's municipal government in 2018. The project aims at promoting the insertion of the Law 10.639/2003 as well as the debate on the black representation, especially black female representation. The Black Panther film, a North American production, released in 2018 in Brazil, draws attention for having a mostly black cast and being set largely on the African continent, in the fictitious country of Wakanda. In our analysis, in addition to bringing reflections on the film, we discuss the answers of the questionnaire applied to the public-school teachers who actively participated in the action. Our findings show that the project *Pantera Negra* is a large-scale project for the implementation of ethnic-racial relations education, even in the face of other equally relevant issues, since the film presents scenes that still contribute to a binary imaginary, i.e., East vs. West, allowing other questions to be woven and spun in the search for the emancipation of the black population and the decolonization of curricula.

Keywords: Curriculum. Law 10.639. Black Panther.

Resumem: El trabajo propone reflexionar sobre el proyecto *Pantera Negra: Representación Negra y Prácticas Educativas*, implementado en escuelas municipales de la ciudad de Belo Horizonte en 2018. El proyecto tiene como objetivo promover la inserción de la Ley 10.639/2003 y el debate sobre la representación negra, especialmente la representación femenina negra. La película de producción estadounidense *Black Panther*, estrenada en 2018 en Brasil, se destaca por tener un elenco mayoritariamente negro y estar ambientada en gran parte en el continente africano, en el reino de Wakanda. En nuestra análisis, además de aportar reflexiones sobre la película, dialogamos con docentes de escuelas públicas que participaron activamente de la acción. En conclusión, coincidimos en que es un proyecto de gran envergadura para la implementación de la educación de las relaciones étnico-raciales, aún frente a los puntos de atención que tiene la película, ya que presenta escenas que aún contribuyen a un imaginario binario. (Oriente vs. dejar tejer e hilar otras cuestiones en la búsqueda de la emancipación de la población negra y la descolonización de los currículos.

PalaBras-clave: Curriculum. Ley 10.639. Pantera Negra

1 INTRODUÇÃO

A implementação da lei 10.639/03 (BRASIL, 2013), que torna obrigatório o ensino de História e Cultura Africana e Afro-brasileira na educação básica, ampliada a obrigação às universidades por meio das Resoluções CNE/CP 03/2004 e 01/2004, instituindo as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais – DCNERER (BRASIL, 2013), mesmo tendo ainda muito o que realizar, considerando quase vinte anos de sua publicação, reverberou e ainda reverbera no aumento de publicações, oficinas, palestras, ações dos movimentos sociais e iniciativas próprias das escolas e universidades.

Em relação à formação de professores, identificamos também algumas alterações nos currículos, seja com a inserção da disciplina obrigatória, seja no formato transversal (MEIRA; SILVA, 2019). No entanto, essa inserção ainda é marcada pelo espaço de disputa (SILVA, 1999) e poder. Inserir o tema da educação das relações étnico-raciais no currículo demanda rever, prioritariamente, as epistemologias, combatendo, de forma intensa, o epistemicídio (genocídio da episteme) que foi,

[...] um dos crimes contra a humanidade. Para além do sofrimento e da devastação indivízeis que produziu nos povos, nos grupos e nas práticas sociais que foram por eles alvejados, significou um empobrecimento irreversível do horizonte e das possibilidades de conhecimento (SANTOS, 1999, p. 283).

A busca por reparação e reconhecimento é pauta da população negra há longos anos, bem como a denúncia quanto à exclusão e o abandono, em destaque consta presente nas DCNERER como abordagem na formação de professores (BRASIL, 2013, p. 83-86). Gonçalves e Silva (2002) discorrem sobre a presença do Movimento Negro nesta luta, nos convidando a interrogar como a ausência histórica de uma política educacional, justa e acessível à população negra brasileira, não permitiu que essa população tivesse melhores condições dignas de vida.

Anterior à Lei a 10.639, a fim de normatizar a obrigatoriedade da abordagem do tema nas escolas, outros Projetos de Leis (PL) que colocavam a inserção do tema das relações étnico-raciais no currículo da educação básica já tinham tramitado para aprovação. Por exemplo, em 1983, o PL apresentado pelo pesquisador, professor, militante do Movimento Negro e deputado federal, Abdias Nascimento, que propunha a implementação de medidas de reparação que abarcassem tantas áreas do setor público quanto do setor privado, com reserva de vagas de trabalho para negros e negras. Infelizmente, o PL nunca conseguiu ser apreciado em plenária, seja por falta de *quórum*, seja, por falta de *interesse* arquivado em 1989. Em anos seguintes, tivemos outras propostas lideradas pelo deputado federal Paulo Renato Paim e a Senadora Benedita da Silva, mas também sem sucesso (OLIVEIRA, 2019).

Dentre outras ações do Movimento Negro que abriu os caminhos para aprovação da Lei 10.639, foi a Marcha para Zumbi de Palmares, ocorrida no dia 20 de novembro de 1995, em Brasília, a que se destacou. Contra o racismo, pela cidadania e pela vida, a marcha foi organizada em comemoração aos 300 anos da morte de Zumbi. Na ocasião, os grupos estiveram com o presidente Fernando Henrique Cardoso, que recebeu em mãos, o Programa de Superação do Racismo e da Desigualdade Racial¹. O documento pautava todas as demandas da população negra, inclusive no âmbito educacional, e denunciava as condições precárias, as quais essa população vivia no país.

O ato reverberou em outras ações, como agendas junto ao governo federal por reconhecimento da existência da discriminação racial no país, a criação do Grupo de Trabalho Interministerial de Valorização à População Negra (GTI População Negra) e no ano seguinte, organizado pelo Ministério da Justiça, a realização do Seminário Internacional denominado *Multiculturalismo e racismo: o papel da ação afirmativa nos Estados democráticos contemporâneos*. E nos anos seguintes, ocorre a preparação para a participação da III Conferência Mundial contra o Racismo, Discriminação Racial, Xenofobia e Intolerância Correlata, que aconteceria em Durban, na África do Sul, no ano de 2001.

Segundo Carneiro (2019), Durban representou uma batalha e aflorou o problema étnico-racial no plano internacional. Essa batalha evidenciou a posição unilateral dos Estados Unidos da América (EUA) que, ao ser acusado de práticas racistas e colonialistas contra o povo palestino, e percebendo a possibilidade de uma condenação pelas ações escravistas no período colonial, abandonou a Conferência e fortaleceu os interesses de alguns países ocidentais em *naufregar* com a proposta.

Podemos confirmar que Durban abriu as portas para o reconhecimento das demandas urgentes a favor do povo negro no Brasil, entre elas uma educação que representasse, a realidade dessa população. O debate por medidas de reparação e de reconhecimento se fortalece neste período, tendo como interlocutor principal, o Movimento Negro, o que, de alguma forma, reverbera em uma articulação no âmbito educacional, político e econômico, maior interação com o governo a partir da década seguinte. Saraiva (2012) afirma que a partir do século XXI, mais especificamente nos dois períodos do governo do presidente Luiz Inácio Lula da Silva, o país reinaugura uma nova forma de relacionar e construir política com o continente africano, o que denominamos de políticas *Sul a Sul*, resultando em frutíferas colheitas, como por exemplo, a criação da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – UNILAB, integrada ao continente africano, em destaque aos países de língua portuguesa.

Dessa forma, é importante que as Instituições escolares, ao inserir a educação das relações étnico-raciais no currículo e, conseqüentemente, em suas práticas pedagógicas, tenham compreensão da história, potência e profundidade que abarca a proposta da Lei 10.639, bem como as DCNERER que a compõe. Além de questionar a demanda por mudança, é preciso abraçá-la e desenvolver novos hábitos de ser (HOOKS, 2017), descolonizar-se.

Assim, em diálogo com os objetivos das DCNERER buscamos compreender sobre os impactos do filme *Pantera Negra*, como forma de sensibilização no fortalecimento da identidade e representação negra nas escolas da rede municipal de Belo Horizonte, por meio do projeto, *Pantera Negra: Representatividade negra e práticas educativas*, implementado no ano de 2018, assim que ocorreu o

¹ O documento completo consta disponível em: <http://memorialdademocracia.com.br/card/marcha-zumbi-reune-30-mil-em-brasilia>. Acesso dia: 12/02/2018.

lançamento do filme, abarcando mais de vinte escolas. O projeto, além de oportunizar a ida dos estudantes ao cinema, sugere e faculta outras possibilidades de trabalho, como rodas de conversas e pesquisas. Destacamos ser um projeto de grande robustez, uma vez que propicia ações que abarquem a educação das relações étnico-raciais descoladas do mês da consciência negra, em que propostas nesta perspectiva são mais comuns em algumas redes ocorrendo de forma pontual e fortalecendo o chamado currículo diferencialista (CANDAUI, 2008).

A fim de nos subsidiar neste trabalho, amparamos no conceito de representação a partir do que Hall (2016) e o repertório que foram utilizados para marcar a diferença racial, com destaque para as oposições binárias entre civilização (branco) e selvageria (negro), alimentando o regime de representação racializada do negro tendo os estereótipos como forma de produção de sentidos. Nessa mesma direção, traremos a questão da representação e poder, analisando a relação entre Wakanda (oriente) e os Estados Unidos da América (EUA) como a representação do ocidente no filme. E em complemento à nossa análise, traremos o conceito de tribo, com a contribuição de Maffesoli (1998), ao problematizar sobre a ação realizada, por intermédio do projeto da rede e do Movimento Negro em ocupar as salas de cinema no Brasil, no estar junto.

Em relação a essas ações coletivas, compreendemos ser um estar junto orgânico, motivado pelo desejo, identificação física e afetos que sobrepõem projetos econômicos ou políticos, prevalecendo o sentimento de pertença a um lugar ou a um grupo. É uma ligação motivada pelo desejo coletivo, a socialidade, novos modos de vida e de se organizar. Maffesoli, ao tratar do tribalismo, chama a atenção para estarmos atentos a essas novas metodologias e perspectivas orgânicas de grupo que podem, a partir deste encontro, se *civilizar* e produzir novas obras políticas e econômicas (1998, p.110). Assim, além de concordar que o projeto pode impulsionar mudanças estruturais (tecer e fiar), ele possibilita que os espectadores se vejam na tela.

Conforme reforça Hooks (2019), é preciso escrever sobre as nossas perspectivas como espectadores (as) e sobre nossa prática. Dessa forma, descrevemos nas próximas linhas, acerca do enredo, a partir de algumas reflexões e incômodos que possam contribuir para pensar sobre o uso do filme como ferramenta de inserção da temática, seja na formação de professores, como prática em sala de aula. E em seguida, dialogamos com professoras da rede que participaram da implementação do projeto intermediado por questionário, aplicado via formulário (Google Forms®) onde foi possível identificar o impacto do filme para os estudantes.

2 O OLHAR OPOSITOR

Hooks (2019, p. 185), ao refletir sobre como os negros são representados no cinema, fortalecido pelo poder da supremacia branca, reforça que o olhar da espectadora negra, se torna opositor e reage contra essas formas de representação, resultando e insurgindo no cinema negro. E tentando se aproximar de Hooks, com este mesmo olhar, iremos seguir nas linhas seguintes.

O filme *Pantera Negra*, produzido pela *Marvel*, lançado no Brasil em 2018 e dirigido por Ryan Coogler, recebeu sete indicações ao Oscar 2019, entre eles, o de melhor filme. Premiado com três estatuetas, melhor direção de arte, trilha sonora original e figurino, sendo este último, muito marcado por elementos futuristas. O longa possui um roteiro que gira em torno do reino de Wakanda, localizado no continente africano e o seu rei T'Challa, o *Pantera Negra*, representado pelo ator Chadwick Boseman² e sua relação com a diáspora africana. Composto pela maioria de atores negros, motivo pelo qual foi feita a grande mobilização para ocupar as salas de cinema em grande parte do país, o filme possui uma narrativa mais literária e marcadamente simbólica, ao contrário do que outras produções do chamado cinema negro (SOUZA, 2013) apresentam.

E mesmo não sendo marcado pelo debate racial, por violências, ou grandes reflexões que envolvam essas questões, como por exemplo, filmes produzidos pelo diretor americano Spike Lee, e documentários como *Ôrí* dirigido por Raquel Gerber (1989) e o documentário *AmarElo: é tudo para ontem* (2020), lançado recentemente pelo cantor e rapper Emicida, o filme nos apresenta uma narrativa que, de alguma

² Falecido em 28 de agosto de 2020, sua morte foi comovida pela população negra em todo o mundo

forma, nos envolve e nos tece para essa reflexão.

A presença das mulheres negras no filme, também é um ponto alto. Entre as várias referências, temos uma ocupando a liderança da guarda real no reino de Wakanda e outra, no campo da ciência e pesquisa. Porém, como a própria narrativa apresenta, são lugares de liderança e não de poder. A diferença entre os dois lugares é muito bem desenvolvida por Gomes, a partir de sua experiência em cargo de poder e de decisão, sendo o posto de poder, o lugar de tomada de decisão, decisão que arrole o futuro das pessoas envolvidas no processo, até mesmo dos homens (2019a, p. 617).

Recorrer ao uso de filmes e mídias sociais como ferramentas de metodologias em sala de aula, é uma prática comum e recomendada, porém a escolha destes elementos requer alguns cuidados e critérios, no caso do audiovisual ainda maior, pois atingem o imaginário social de forma mais rápida, uma vez que a distância entre a ficção e a realidade é reduzida, provocada pelo imediatismo do cotidiano (PIRES; SILVA, 2014). E em relação ao filme Pantera Negra, a escolha ancorada em diálogo com a Lei 10.639 tem como justificativa, debater e desconstruir a visão de África como continente selvagem e primitivo, possibilitando a construção de novos imaginários no que envolvem a representação negra e conseqüentemente, a construção de uma identidade negra, oportunizando que os estudantes negros possam construir uma imagem positiva sobre si mesmo.

O processo de construção da identidade negra no Brasil é muito delicado e conflituoso, a própria DCNERER problematiza essa questão, chamando a atenção para a necessidade de termos professores capacitados e qualificados em diferentes áreas do conhecimento e sensíveis a este debate (BRASIL, 2013, p.91). A equipe escolar, ao propor o trabalho da educação das relações étnico-raciais precisa estar devidamente preparada, caso contrário, a proposta pode reverberar em resultados opostos, negativamente ainda mais a imagem do negro. Lembrando que, como Gomes (1995) elucidou de forma muito contundente em sua pesquisa, este tornar-se negro não é um processo fácil, é muitas das vezes doloroso, demandando que o docente negro reconstrua sua própria identidade e se veja nesse processo, além do docente branco ter que reconhecer o aprisionamento em sua branquidão. Como resumiu Neusa Santos, “ser negro não é uma condição dada, a priori. É um vir a ser. Ser negro é tornar-se negro” (SOUZA, 1983, p.77).

Enfim, a agenda da implementação das DCNERER no currículo, tanto na formação de professores seja ela continuada ou inicial ou como na aplicação na educação básica, requer elaboração de um projeto cuidadoso. Demanda uma verdadeira *revolução de valores*, sendo preciso reconhecer a diversidade e abertura para novas epistemologias, bem como novas vozes (hooks, 2017). Bispo dos Santos, chama atenção sobre a necessidade de recriar uma nova academia, deve-se “triturar o colonialismo, para não sobrar um pedaço que aproveite”, onde os de dentro “preparam o terreno para explodir e a outra parte, os de fora para implodir” (2019, p. 25-27)

2.1 O bem e contra o mal

O personagem Pantera Negra, que dá nome ao Filme, é fruto da História em Quadrinhos *Black Panther*, criada em 1966, pela *Marvel Comics*, no mesmo ano, em que o Partido Político Panteras Negras, também teve sua criação nos EUA, em Oakland na Califórnia, por Huey Newton e Bobby Seale. O partido dos Panteras Negras teve como motivação para criação, a luta pelos direitos civis da população negra, vigorando até o fim dos anos setenta.

De acordo com Guerra (2011), o criador da História em Quadrinhos (HQ) afirma não ter relação com o partido, sendo mera coincidência. Em nossas pesquisas, não fizemos uma análise sobre o personagem e seus movimentos nas HQ, porém, ao escrever sobre nossas expectativas como espectador, identificamos algumas referências que nos apresentou possíveis conexões.

Nos primeiros minutos do filme, a cena que define praticamente todo o enredo e desencadeia na rivalidade entre os primos T'Challa e Eric, os dois Panteras Negras, acontece em Oakland, na Califórnia no ano de 1962. Na cena, o tio de T'Challa, pai de Eric, é assassinado pelo rei de Wakanda, pai do T'Challa, acusado de traição por tentar vender o *vibranium* sem o consentimento do rei. Após o assassinato, Eric permanece nos EUA quando o rei retorna a Wakanda. Com o passar dos anos, ao longo do filme, temos

dois Panteras Negras disputando o trono de Wakanda, sendo um que cresceu neste local, preparado para substituir o pai após o seu falecimento. Esse rito de preparação talvez seja a cena que mais remete a importância da ancestralidade no filme, e Eric, o primo abandonado na diáspora e cresce com o desejo de vingança.

A história e posturas dos dois Panteras no filme, se aproximam das histórias de duas grandes figuras dos EUA que lutaram pelos direitos civis da população negra nos anos 60. Malcom X e Martin Luther King (MLK). De forma bem sucinta, Eric acredita que o *vibranium* precisa contribuir para o bem de toda a população negra, não permanecendo apenas na posse de Wakanda, mesmo que para isso, precise de usar de violência, postura a qual muitos o referenciam a Malcom X. E T'Challa com um perfil mais pacífico e do diálogo, o remetendo a MLK. No filme, outras características os diferenciam e deixam marcadas a distinção entre eles como suas vestimentas, porte físico e cabelo.

A título de curiosidade, algumas pesquisas também fazem referência de Malcom X e MLK aos personagens do filme X-Men, sendo os mutantes, Professor Xavier e Magneto, também produção da Marvel. Fernandes (2014), na oportunidade analisa como os discursos de ambos os ativistas, “eu tenho um sonho” e “mensagem aos populares” de MLK e “o voto ou a bala” de Malcom X se encontram presentes no enredo do filme X-Men.

Se aproximando de um projeto futuro de África, o enredo de Pantera Negra coaduna com movimento afrofuturista que, cunhado no início da década de 1990 por Mark Dery busca por meio de criações artísticas explorar/criar futuros possíveis para as populações negras por meio da ficção (FREITAS; MESSIAS, 2018, p.405), um sonho possível. A figurinista do filme, Ruth E. Carter, que também foi indicada ao Oscar em 1993 com o filme Malcolm X do diretor Spike Lee, construiu cada detalhe dos personagens, a partir de uma imersão nos países Gana e África do Sul, além de obter outras referências do continente africano. Realmente a África apresentada no filme é de um fascínio e beleza, se aproximando da verdadeira África que não foi e às vezes ainda não é contada em nossas escolas e universidades. Todos os personagens têm um detalhe que os relacionam a grupos e culturas do continente africano, deixando o filme mais atrativo ainda, por exemplo, a máscara que Eric rouba no museu em Londres remete ao povo Igbo, chamada de Mgbedike.

Outro ponto de atenção, é sobre ter os poucos personagens não negros presentes, porém, um desses dois coadjuvantes consegue ter papel ímpar no filme. Cabendo até rever se seria mesmo um coadjuvante. O agente da Agência Central de Inteligência (CIA), Everett Ross, representado pelo ator Martin Freeman, mesmo que discretamente, transparece conhecer sobre a existência de Wakanda. Durante suas aparições, destacamos duas cenas curiosas e cruciais: a primeira é onde ele coloca a própria vida em risco para salvar Wakanda, obtendo êxito; e na cena bônus, onde ele aparece observando e trocando olhar com o rei T'Challa demonstrando cumplicidade e parceria. Žižek (2018) diz que este personagem é chave no filme, o fato de ele ser agente da CIA, subtende-se que o governo dos EUA tem a ciência da existência de Wakanda, e que o agente Ross representa o sistema global autorizando todo aquele espetáculo. Nessa perspectiva, o papel de vilão da história fica somente com Eric.

Em resumo, realizamos essa breve explanação, a fim de elucidar melhor sobre o filme, a produção e as possíveis indagações que podem ser realizadas em seu uso como instrumento pedagógico, abordando a Lei 10.639 e as DCNERER no currículo. Temos também a consciência que as questões raciais nos EUA foram e são tratadas de formas diversas. Porém, o que estamos chamando atenção é para a questão do que apresentamos acima, a partir de Bispo do Santos (2019), como descolonizar-se? Como contra-colonizar? Como construir currículos cada vez mais emancipatórios?

3 COSTURANDO ESTRATÉGIAS PARA DESCOLONIZAÇÃO DO CURRÍCULO COM AS DOCENTES

O diálogo com os professores da rede municipal de Belo Horizonte ocorreu por meio de questionário, enviado via formulário (*Google Forms*®), tendo ao todo, doze respostas, sendo um de cada escola. Em relação à estrutura do formulário, optamos em separar em dois campos, um, onde identificaríamos o perfil do professor que responde como, idade, formação, escola e sua autodeclaração, e outro, sobre o filme, a experiência por parte dos estudantes e as atividades realizadas posteriormente na escola.

Sobre a autodeclaração, em consonância com a pesquisa de Schucman, Costa e Cardoso (2012), concordamos que ter a lucidez sobre a autodeclaração tanto de entrevistador e entrevistado, especialmente em pesquisas que abordam a temática da educação das relações étnico-raciais, é um facilitador no processo de análise, uma vez que a paridade e assimetria racial são definidoras dos comportamentos e posicionamentos de ambos os lados.

É importante destacar que a rede municipal de educação da Prefeitura de Belo Horizonte já possui um programa voltado para a implementação da temática da educação das relações étnico-raciais, motivando várias ações, o que teoricamente não causaria estranhamento ou desconforto por parte da rede a implementação do projeto. Inserir a temática quer na formação dos professores, quer na prática em sala de aula, requer preparação, evitando que seja apenas uma inserção por formalidade e que realmente extrapole fronteiras, mesmo que sejam consensuais ou conflituosas.

Tabela 1 – Perfil das professoras que responderam o questionário

IDADE	20 a 30	30 a 40	40 a 50	50 a 60	Acima de 60
	0	1	4	7	0
POSSUI PÓS-GRADUAÇÃO?	Não	Lato-sensu	Mestrado	Doutorado	Pós Doc.
	0	9	2	1	0
AUTODECLARAÇÃO	Branca	Parda	Preta	Amarelo	Indígena
	5	3	4	0	0
TOTAL	12 professoras				

No compilado da primeira parte do questionário, identificamos um público majoritariamente feminino, com a idade entre os trinta e oito a cinquenta e sete anos, todas lecionando no ensino fundamental, sendo 91% do ensino fundamental II e 9% do fundamental I. Com relação à autodeclaração, 25% se declararam pardas, 33% pretas e 4% brancas, logo, nosso maior público é negra, somando-se pardas e pretas. Destacamos que não aprofundamos sobre a construção da identidade de cada uma, como se deu e quais os processos envolvidos, muito pelo caráter do objetivo da pesquisa. Porém, concordamos que, se porventura a pesquisa se estendesse, essa questão deveria ser abordada. Quanto à formação, 50% são da área da Pedagogia e o restante, variando entre as outras áreas do conhecimento. Todas possuem pós-graduação sendo, 75%, *lato-sensu* e o restante *stricto sensu*, variando entre o mestrado e doutorado.

Na segunda parte das perguntas, direcionamos abordagens relacionadas ao filme, separando em dois micros blocos: um, que procurou identificar sobre a motivação e preparação da escola/professora junto às turmas antes da ida ao cinema e outro que buscou compreender as ações realizadas em sala de aula após o retorno. No primeiro bloco, em relação à organização e preparação, perguntamos se foi abordado algum tema ou realizada alguma atividade. Como resposta, 75% dos professores informaram que sim, que foi feita uma preparação com antecedência, onde os assuntos discutidos foram racismo, cultura africana e a própria sinopse do filme. Já sobre o segundo bloco, após a ida ao cinema, 83,3% informaram que foi feita intervenção em sala de aula, prevalecendo o debate sobre o filme de uma forma geral e as relações de poder presentes, mas sem aprofundar sobre como foi feito nas respostas. Apenas uma professora apontou que foi discutido sobre o movimento social, enquanto resistência nos EUA e as formas de segregação ocorridas. Contudo, não especificou com detalhes sobre essa passagem no filme e como ocorreu tal diálogo.

Em prosseguimento, questionamos se foi escolhido algum personagem de destaque pelos estudantes, alguns que o inspiravam ou os faziam se sentir representados, a maioria das professoras responderam positivamente, variando entre o próprio Pantera Negra (T'Challa) liderando entre as escolhas e as Dora Milaje, as guerreiras da guarda real, representada por Okoye, a atriz Danai Gurira. Entre a justificativa da escolha, apenas duas professoras explicaram. O Pantera foi *por que luta pelos ideais de vida* não detalhando sobre que ideais são esses, e a comandante do exército, Okoye, *por ter rompido com um relacionamento afetivo para honrar e proteger sua nação*. Reforçando que ela foi para eles um símbolo

de heroína e beleza, *ainda que careca*. Eric, o outro Pantera Negra, não foi referenciado em nenhuma das respostas, o que aponta que o binarismo entre o lado do bem e do mal se manteve presente no imaginário dos estudantes.

Assim que o filme foi lançado no Brasil, houve um movimento grande de pessoas negras incentivando a ida ao cinema com o objetivo de ocupar esse espaço, ocupando conseqüentemente os corredores dos shoppings, movimento importante, haja vista que o acesso ao cinema no Brasil é pauta de discussão profunda. Considerando que de acordo com os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE (2018), em torno de 40% dos municípios brasileiros não possuem sala de cinema, e os que possuem arcam com o alto valor dos ingressos, além da localização dessas salas serem em sua maioria, localizadas nos grandes centros da cidade, longe dos bairros periféricos, demandando da população, um custo com transporte e alimentação.

Recentemente, no Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) do ano de 2019, o tema da *Democratização do acesso ao cinema no Brasil* surgiu como proposta de redação e este debate ficou latente entre a comunidade escolar. Na ocasião da nossa pesquisa, não aprofundamos em compreender sobre a oportunidade de acesso deste estudante à sala de cinema, devido ao fôlego para, porém, pensarmos que em ocasiões futuras pode ser também um bom problema de pesquisa.

Mas, retomando sobre a questão da escolha do personagem e em paralelo, dialogando com o grande movimento realizado pela população negra sobre a ida ao cinema de uma forma geral. Coadunamos que o filme provoca e possibilita a construção de uma nova representação negra muito contrária aos estereótipos que marcaram e demarcam essa população, em destaque no campo do audiovisual. A título de exemplo, Carneiro (2019) elucida muito sobre os impactos que essas representações carregadas de estereótipos trazem e fazem, quando rememora como os negros foram representados pela Rede Globo de Televisão na novela Terra Nostra. Exibida em 1999, a novela representa os negros como subservientes e infantis, legitimando um projeto de nação, hegemônico e branco, um projeto que o imaginário televisivo ainda alimenta e retroalimenta nossa sociedade.

Essa questão da representação é tão delicada e sensível, que mesmo colocando negros em lugares que rompem estereótipos marcados e construídos ao longo dos anos, como foi feito no filme, principalmente no que tange à estética negra, e pela imagem de uma África, ou melhor, parte dela, rica e potente, a tutela americana sobre o continente africano permaneceu colocada de forma nem tão sutil no filme, mas muito invisibilizada e pouco levantada nas discussões que acompanhamos.

Nessa perspectiva, Hall (2016) corrobora conosco ao tratar do que ele chamou de regime racializado da representação, trazidos no século XIX pelo movimento contra a escravidão. Segundo o autor, foram cunhados vários movimentos pela sociedade antiescravista americana, em que os negros saíram de uma representação de infantis e dependentes para cheios de gratidão aos benfeitores brancos pela liberdade dada, saindo do estado de selvageria para eterna bondade. Neste caso, seria Wakanda, na figura do rei T'Chala, o eterno grato ao governo americano, representado pelo agente da Ross da CIA por ter salvado e protegido o reino? Construindo uma relação de docilidade e passividade. Como apontado na faixa bônus, já apresentada, afirmando a necessidade de construção de pontes e sermos uma única tribo (universal), renegando o estado *selvagem* de Eric, como também nublando as diferenças que verdadeiramente nos separam.

Apoiando em Bhabha, chamamos atenção sobre a urgência em exigirmos mais sobre as linguagens que são utilizadas nos produtos que nos são oferecidos. O bloco ocidental, no caso em questão, a Marvel/EUA, não passa novamente de uma elite ocidental privilegiada que produz um discurso do Outro reforçando sua equação conhecimento-poder? (2013, p.50). Como insurgir sobre esse bloco e como debater essa questão em nossas práticas?

Por fim, em relação ao movimento de ir ao cinema, mobilizado pela escola como pelo movimento negro, trouxemos o que Maffesoli (1998) chama de ingresso das tribos, onde neste caso, o melhor é estar junto, sem se preocupar prioritariamente com grandes mudanças políticas e econômicas, mas que essas possam ocorrer em consequência desse afetar. Uma das formas que alimenta este estar junto no filme e muito simbólico é o cumprimento em braços cruzados formando um X, tornando até mesmo símbolo de

resistência e identificação de grupos negros. De acordo com Maffesoli (1998), essas tribos, hoje na pós-modernidade, são formadas muito pelo desejo de estar junto, que se dedicam a fortalecer o ideal comunitário, o *estar junto à toa*. E não que elas não tenham objetivos ou finalidade, mas este não é seu objetivo principal.

Maffesoli fala de alteração da *Polis* para *Thiase*, do político para a fusão. De uma forma ou de outra, o filme colabora para uma nova forma de fusão da população negra, em uma perspectiva orgânica que não pode ser descartada. Este estar junto pode ser formas e encantamento, um encanto, um movimento, como diz Machado (2019) gerando implicações de estar no mundo, resistindo de formas criativas, por meio de relações comunitárias.

BUSQUEMOS NOVOS FIOS PARA TEAR

Diante da violência epistemológica que o tema da educação das relações étnico-raciais enfrenta no que se refere à implementação das DCNERER no currículo e em sua prática, a iniciativa da Prefeitura de Belo Horizonte, por meio da Secretaria de Educação deve ser muito comemorada e replicada. Implementar projetos e políticas desta natureza em ambientes onde o racismo estrutural ainda transita, demanda fôlego e resistência. E é exatamente sobre fôlego e desafios que findamos este trabalho.

A escolha de oportunizar que estudantes tenham acesso a espaço, que para muitos não seria tão comum, deve ser vista como uma grande e louvável proposta, espaços estes que violentamente são relegados e negados à maioria da população negra. Refletir como foi a chegada e ocupação desses jovens nesse território, como esses corpos se movimentaram, que olhos os acompanharam e como foram os olhares desses espectadores, nos remete a pensar naqueles que vieram antes de nós e não puderam estar aqui.

Além da questão da acessibilidade, o fortalecimento da identidade negra deve ser vislumbrado pelo filme e fortalecida ao olhar das professoras que, nos questionários foram unânimes em confirmar sobre este sentimento em sala de aula. Os vários cabelos e a vasta possibilidade de usá-los, em destaque para as mulheres negras, bem como as vestimentas, contribuem para que nossa população se perceba e se fortaleça como negra. Logo, contribui para o combate a questões mais profundas e doloridas que o racismo provoca, que conforme afirma Gomes, “a relação do negro e da negra com o corpo e o cabelo remete a outro conjunto de efeitos do racismo: os que afetam a subjetividade” (2019b, p. 39).

Por fim, o que apontamos como atenção, é sobre algumas narrativas que o filme apresenta, que mesmo trazendo uma grande possibilidade de romper com o imaginário simbólico em relação à representação do negro em nossa sociedade, a perspectiva assimilacionista, em que todos devem se integrar a uma proposta hegemônica, comum (MCLAREN, 1997), se faz muito presente, em destaque, quando o reino de Wakanda cede ao acordo tácito com o império americano.

Diante disso, confirmarmos que a implementação das DCNERER no currículo precisar ser transversal, ampla e robusta. A escolha do filme se faz pertinente, porém requer tempo maior para o trabalho e reflexões que proporcione a construção crítica de combate ao racismo e suas várias formas de reinvenção.

E mesmo de estarmos longe de sermos uma nação como Wakanda, se é que é uma nação dessas que o Brasil diáspora precisa, o projeto elaborado pela rede municipal certamente teceu e tecerá grandes aliados antirracistas neste território. E que as nossas escolas e universidades se abram cada vez mais para o debate e produções que possibilitem estes diálogos. Que além do Pantera Negra, possamos eleger e escolher novos heróis, como como *Besouro*, *Carolina Maria de Jesus*, *Conceição Evaristo*, e tantas outras e outros que nos apoiem contra a opressão e o preconceito que assola nosso país, evitando que *Medida Provisória*³ sejam implementadas e engessadas. E possamos construir currículos que tenham cada vez a

³ Medida Provisória, é um filme lançado no dia 14 de abril de 2022 no Brasil. De direção de Lázaro Ramos. O filme, de forma resumida narra sobre um futuro distópico no Brasil onde a população negra, por meio de medidas de um governo violento e autoritário demanda que todos os afrodescendentes sejam remanejados para o continente africano.

prática como liberdade.

Enfim, tudo que nós tem é nós!⁴

REFERÊNCIAS

- BRASIL. **Plano Nacional de implementação das diretrizes curriculares nacionais para a educação das relações étnico-raciais e para o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana**. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão. Brasília: MEC, SECADI, 2013.
- BELO HORIZONTE, **Pantera Negra**: Representatividade Negra e Práticas Educativas. SMED, Belo Horizonte, 2018.
- BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. 2º ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.
- CANDAU, Vera Lúcia. Multiculturalismo e educação: desafios para a prática pedagógica. In: CANDAU, Vera Maria e MOREIRA, Antônio Flávio Moreira (orgs). **Multiculturalismo**: Diferenças Culturais e Práticas Pedagógicas. 2.ed. Petrópolis, RJ: Voes, 2008
- CARNEIRO, Sueli. A batalha de Durban. In: CARNEIRO, Sueli. **Escritos de uma vida**. São Paulo: Pólen Livros, 2019, p. 185-194.
- CARNEIRO, Sueli. “Terra mostra” só para os italianos. In: CARNEIRO, Sueli. **Escritos de uma vida**. São Paulo: Pólen Livros, 2019, p. 103-105.
- FERNANDES, Laís Cerqueira. **Eu tenho um sonho e não estou sozinha**: ecos da história na ficção. Monografia, Faculdade de Comunicação, Universidade Federal de Juiz de Fora, Minas Gerai, 2014.
- FREITAS, Kênia e MESSIAS, J. O futuro será negro ou não será: Afrofuturismo versus Afropessimismo - as distopias do presente. **Das Questões**, [S. l.], v. 6, n. 1, 2018. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/dasquestoes/article/view/18706>. Acesso em: 9 abr. 2022.
- GOMES, Nilma Lino. **A mulher negra que vi de perto**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 1995.
- GOMES, Nilma Lino. Libertando-se das amarras: reflexões sobre gênero, raça e poder. **Currículo sem Fronteiras**, v. 19, n.2, p.609-627, maio/ago. 2019a.
- GOMES, Nilma Lino. **Sem perder a raiz**: Corpo e cabelo como símbolos da identidade negra. 3. Ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019b.
- GONÇALVES, Luiz Alberto; SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves. **O Jogo das Diferenças**: o multiculturalismo e seus contextos. 3ª edição. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.
- GUERRA, Fábio Vieira. Super-heróis Marvel e os conflitos sociais e políticos nos EUA (1961-1981). **Dissertação de mestrado** – Universidade Federal Fluminense, Departamento de História, 2011.
- HALL, Stuart. Cultura e representação. **Organização e Revisão técnica Ituassu**; Tradução: Daniel Miranda e Wiliam Oliveira Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio: Apicuri, 2016.
- HOOKS, bell. **Ensinando a transgredir**: a educação como prática da liberdade. Tradução: Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: Editora Martins Fontes. 2017.
- HOOKS, bell. O olhar opositor: mulheres negras espectadoras. In: HOOKS, bell. **Olhares negros**: raça e representação. São Paulo: Elefante, 2019.
- IBGE, **Indicadores Sociais**. Rio de Janeiro, 2018. Disponível em: https://ftp.ibge.gov.br/Indicadores_Sociais/Sistema_de_Informacoes_e_Indicadores_Culturais/2018/indice_de_tabelas_2018.pdf. Acesso em 21/03/2021.
- MACHADO, Adilbênia Freire. Saberes ancestrais femininos na filosofia africana: poéticas de

⁴ Trecho da música Principia do cantor, compositor e happer Emicida. A música compõe o Álbum AmarElo lançado em 2020.

encantamento para metodologias e currículo afrorreferenciados. **Tese** (DOUTORADO) Universidade Federal do Ceará, Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação, Fortaleza, 2019.

MAFFESOLI, Michel. **O Tempo das Tribos: O declínio do individualismo nas sociedades de massa**. 2.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1998.

MEIRA, Flávia Paola Félix; SILVA, Santuza Amorim da. A educação das relações étnico-raciais na formação inicial: um diálogo necessário no combate ao racismo. **Cadernos Cenpec** | Nova série, [S.l.], v. 9, n. 1, aug. 2019. ISSN 2237-9983. Disponível em:

<https://cadernos.cenpec.org.br/cadernos/index.php/cadernos/article/view/456>. Acesso em: 09 abr. 2022

MCLAREN, Peter. **Multiculturalismo Crítico**. São Paulo: Cortez Editora, 1997.

PIRES, Maria da Conceição Francisca. SILVA, Sérgio Luiz Pereira da. O cinema, a Educação e a Construção de um imaginário social contemporâneo. **Educ. Soc.** Campinas, v.35, n. 127, p.607-616, 2014.

OLIVEIRA, Julvan Moreira de. Políticas Públicas e Ensino de História da África e Cultura Afro-brasileira. In: THOMAZ, Fernanda do Nascimento (org.). **Afrikas: histórias, culturas e educação**. Juiz de Fora: EdUFJF, 2019, pp. 275-300.

SARAIVA, José Flávio Sombra. **África parceira do Brasil atlântico: relações internacionais do Brasil e da África no início do século XXI**. Belo Horizonte: Fino Traço, 2012.

SILVA, Tomaz Tadeu. **Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

SANTOS, Antônio Bispo dos. As fronteiras entre o saber orgânico e o saber sintético. In: CHAVES, Marjore Nogueira; FILICE, Renísia Cristina Garcia; NASCIMENTO, Wanderson Flor do. OLIVA, Anderson Ribeiro. (Orgs). **Tecendo redes antirracistas**. 1. Ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2019. p. 23 – 36.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Pelas Mãos de Alice: o social e o político na pós-modernidade**. Porto: Edições Afrontamentos, 1999.

SOUZA, N. S. **Torna-se Negro: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1983.

SCHUMAN, Lia.Vainer; COSTA, Eliane Silvia, E.S; CARDOSO, Cardoso. Quando a identidade racial do pesquisador deve ser considerada: paridade e assimetria racial. **Revista da ABPN**, v.4, n.8, p.15-19, 2012.

ŽIŽEK, Slavoj. **Dois Panteras Negras**. Blog da Boitempo, 2018. Disponível em:

<https://blogdaboitempo.com.br/2018/02/27/zizek-dois-panteras-negras/>. Acesso em 02 nov. 2020.



Este obra está licenciado com uma Licença [Creative Commons Atribuição-NãoComercial 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/).